

Norberto Lopes

Entrevistado por Maria Augusta Silva

MARÇO 1984

Jornalista de têmpera transmontana, Norberto Lopes (de seu nome completo Adolfo Norberto Lopes) nasceu em Vimioso, em 30 de Setembro de 1900. Aos 18 anos ingressou no quadro redatorial de *O Século* e em 1922 assinou a reportagem da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, então já a trabalhar no *Diário de Lisboa*. Trocou o curso de Direito pelo jornalismo, porque, como ele próprio sublinha, um jornalista digno desse nome está sempre no encalço da verdade e da justiça. Por isso lutou, sustentando, com um fôlego espantoso, dia após dia, acesas discussões com os censores, ripostando ao corte feito, ao título adulterado ou   simples vírgula que pode alterar o sentido das coisas. Foi hábil a escrever nas entrelinhas. Os mais antigos recordar o as suas espirituosas "Notas do Dia". E mant m o seu espírito jovem e cáustico. Jornalista feito na tarimba, homem atento que, serenamente, ainda é capaz de parar na rua mais de um minuto a olhar uma mulher bonita...

Mais de meio século ao serviço do jornalismo é uma honra profissional ou uma luta incessante numa profissão tão espinhosa e tão constantemente beliscada?

É ao mesmo tempo uma luta incessante e uma honra que gosto de assumir, não pela glória que ela me tenha dado, mas pelo orgulho de a ter exercido com extrema dedicação.

As “Notas do Dia”, de que foi um autor indomável, representaram a sua coroa de glória?

Limitou-se a ser uma rubrica bem-humorada, mas nem sempre fácil em tempo de Censura, que me trouxe numerosos leitores. É curioso e lisonjeiro para mim que, ainda hoje, muitas pessoas me falem de uma ou outra que lhes deu no goto e sei de algumas que as colecionaram.

Ao longo de todos estes anos de carreira, sendo um dos vultos do jornalismo em Portugal, considerou-se mais um repórter dos valores fundamentais do Homem ou um diretor e mestre do jornalismo?

Fui sempre, acima de tudo, um repórter. Era a reportagem que me atraía no jornalismo. E, quanto a essa história de mestre, costumo dizer que nunca ensinei nada a ninguém. A tarimba é o grande mestre da nossa profissão.

Cultor infatigável da língua portuguesa, que lhe parece: escreve-se bom ou mau português na generalidade da nossa Imprensa?

É fora de dúvida que se escreve pior do que se escrevia antigamente, embora se pense melhor.

Mas um bom jornalista tem de ser forçosamente um bom escritor?

Claro que um jornalista não é, forçosamente, um escritor. Mas pode vir a sê-lo um dia, enquanto um escritor raras vezes poderá ser um bom jornalista...

Faltou-lhe realizar alguma reportagem na sua vida?

Tantas que não têm conta. O tempo não chegou para tudo.

A sua primeira reportagem, segundo creio, foi no jornal *O Século*, sobre o Primeiro de Maio de 1919. Como se sentiu nessa estreia?

A minha primeira reportagem que valha a pena citar não foi em *O Século* mas no *Diário de Lisboa*. Foi a da primeira travessia aérea do Atlântico Sul, por Sacadura Cabral e Gago Coutinho. Devo dizer que o homem da travessia não foi Gago Coutinho, a quem ouvi, há poucos dias, chamar na televisão o primeiro avião português. Ele nunca foi avião, mas sim Sacadura Cabral, que está injustamente esquecido.

Afirmou, certo dia, que o jornalista é uma espécie de Dom Quixote. O que é ser Dom Quixote em jornalismo?

É defender as causas justas, ainda que tenha de lutar contra moinhos de vento, o que tantas vezes acontece, ou de suportar a incompreensão e o desdém de Dulcineia.

E as ideologias, em seu entender, têm necessariamente de apartar as relações de camaradagem?

As ideologias não têm nada que ver com a amizade ou com a camaradagem. A política não deve interferir nas relações pessoais, como hoje, infelizmente, acontece com tanta frequência.

O que lhe custou mais: assistir à morte de *O Século*, onde iniciou a sua carreira, ou a hora em que deixou o *Diário de Lisboa*, onde viveu a maior parte da sua vida de jornalista?

A morte de *O Século* entristeceu-me. A minha saída do *Diário de Lisboa* revoltou-me pelas circunstâncias de que se rodeou.

Transmontano de rija têmpera, ironicamente incómodo, mas sereno, admite, porém, que alguma vez lhe tenha faltado a coragem perante determinadas situações?

Confesso que não me recordo.

Costuma dizer-se: é transmontano e basta!... Acha que a qualidade das pessoas é como a dos vinhos, com regiões demarcadas?

Cada indivíduo recebe as características que distinguem os naturais da região onde nasceu. Não posso deixar de reconhecer, contudo, que Trás-os-Montes imprime certas qualidades positivas ao carácter de quem nasceu lá. Mas devo dizer-lhe que há muitos pontos de contacto entre um transmontano e um beirão ou um alentejano.

Se tivesse, neste momento, um lugar no Parlamento, qual seria a sua bandeira?

Nunca me passou pela cabeça ter um lugar no Parlamento. Houve um ano em que o PPD (PSD) me pediu autorização para incluir o meu nome numa lista de candidatos por Lisboa. E dei essa autorização com a condição expressa de que ficaria entre os últimos candidatos para não correr o risco de ser eleito.

Algum político se tornou para si demasiado indigesto?

São numerosos os indigestos, mas não deixo de fazer de alguns (poucos) uma boa digestão.

Pensa que a prostituição é algo que tem que ver apenas com a venda do corpo e que responsabiliza somente a mulher?

A prostituição das mulheres responsabiliza, antes de mais nada, a sociedade. Mas há outras formas de prostituição que têm menos que ver com o corpo do que com o carácter.

Entre um homem de Direito e um jornalista qual lhe parece estar mais no encalço da verdade e da justiça?

Um homem de Direito nem sempre está no encalço da verdade e da justiça. Um jornalista digno desse nome está sempre.

Acha que a objetividade de um jornalista é incompatível com a emotividade?

Temos de reconhecer que a emotividade compromete algumas vezes a objetividade. Todavia, não podemos abstrair de que as paixões são inerentes à condição humana.

Uma vida chegada aos 83 anos representa missão cumprida ou o desejo de voltar atrás e recomeçar tudo de novo e de uma forma diferente?

Se voltasse atrás, recomeçava tudo de novo, tal como há 65 anos, quando entrei para o jornalismo. Praticava porventura os mesmos erros, mas não deixava de corrigir alguns defeitos.

Alguma vez envernizou as unhas das mãos?

Nunca. O verniz não está nas unhas, ou poucas vezes estará nas unhas que se envernizam.

Se fosse médico-cirurgião e tivesse de aconselhar algum dos nossos políticos a ser operado à garganta por ter garganta a mais, a quem apontaria o seu bisturi?

Não têm conta aqueles que carecem de uma operação à garganta...

Quantos anos de vida lhe roubaram as suas acesas e constantes discussões com os censores?

Não me roubaram anos de vida, roubaram-me muitas horas de trabalho, embora lutar contra a Censura fosse também trabalho útil.

A Revolução de Abril instituiu, de facto, a liberdade de Imprensa?

A liberdade de Imprensa foi, quanto a mim, a maior conquista da Revolução de Abril.

Alguma vez se sentiu na completa dependência de alguém?

Nunca.

Quantos bifés come por semana?

Nunca os contei, mas sou pouco apreciador de carne.

Sabe estrelar um ovo?

Não sei pegar numa sertã!

Concorda com o velho dito popular de que o coração tem razões que a razão desconhece?

Inteiramente.

Alguma vez se sentiu dolorosamente apaixonado?

Apaixonado, sim. Dolorosamente, nunca.

Acha que o amor morre quando o sexo acaba?

Quando o sexo acaba, fica a amizade.

Já chorou com desespero?

Não me lembro. Chorei, sim, por sentimento.

A sua maior saudade?

A saudade de minha mãe.

Ainda é capaz de parar um minuto na rua a olhar uma mulher bonita?

Um minuto?... Um minuto ou mais.

Costuma espreguiçar-se?

Espreguiço-me sempre com prazer.

Nunca na sua vida chamou por Deus?

Mais de uma vez, sobretudo quando me sentia muito enjoado durante uma viagem por mar, embora Deus não se meta na vida dos enjoados...

Alguma vez foi tentado a seguir os conselhos de um horóscopo?

Não acredito nos horóscopos, embora respeite os astrólogos sérios e tenha desprezo pelos charlatães.

Que número calça?

Quarenta e dois.

O casamento é um par de botas ou um barco para levar a bom porto?

Considero-o um estado indispensável à condição humana. O homem e a mulher foram feitos um para o outro, para se completarem, conforme a própria fisiologia dispõe.

Nas suas andanças de menino e moço pelas noites lisboetas, alguma vez cantou o fado?

Em Lisboa nunca. Como estudante, muitas vezes. Diziam, até, que tinha uma boa voz.

Disseram-lhe, também, alguma vez, que tinha uns olhos malandros?

...Mais de uma vez.

Chegou a namorar de pescoço esticado no meio do passeio para fazer chegar a sua voz adocicada à bela adormecida entre as frescas sardinheiras da janela alta?

Não. Mas no liceu namorei, trocando cartinhas de amor, como todos os rapazes.

Foi mais hábil a escrever nas linhas ou nas entrelinhas?

Em tempo de Censura, fui mais hábil nas entrelinhas. Em tempo de liberdade de Imprensa, sou mais explícito, mais pão-pão-queijo-queijo. Considero a simplicidade e a clareza indispensáveis ao jornalista.

A reforma é o descanso do guerreiro ou uma ilusão de vida?

É mais o descanso do guerreiro e, sobretudo, um tempo de reflexão.

Foi condiscípulo de Florbela Espanca na Faculdade de Direito: ela era fundamentalmente uma mulher amante e apaixonada ou uma alma penosamente frustrada?

Frequentei os mesmos anos na Faculdade de Direito de Lisboa, que ela abandonou no terceiro ano. Convivi pouco com ela. Foi sempre uma mulher apaixonada e não podia viver sem sentir alguma paixão, segundo os seus biógrafos. É certo que nenhum deles se refere, ao que suponho, a uma das grandes paixões da sua vida. Foi por um discípulo nosso, José Schmidt Rau, poeta como ela. Já o revelei num artigo publicado no *Diário de Notícias*.

Miguel Torga, quanto a si, escreve com a beleza das palavras ou com a grandeza de um corpo inteiro?

É um transmontano de corpo inteiro. Mas gosto mais da sua obra do que dele, com quem, aliás, não tenho relações pessoais.

Henry Miller é um escritor de pornografia ou antes um observador e analista que retrata a sociedade sem subterfúgios?

Considero-o um observador e analista, como toda a sua obra revela.

O zoólogo Desmond Morris afirma que, apesar de erudito, o *Homo Sapiens* não deixou de ser um macaco pelado... Concorda?

Gostei muito do *Macaco Nu*, que li numa excelente tradução de Hermano Neves.

A sua intervenção no teatro completou o seu espírito crítico?

Não fui propriamente um crítico teatral, mas aprendi muito com a minha convivência com gente de teatro e com o próprio teatro.

Diga alguns nomes do teatro português que estejam sempre na sua memória.

Como autores: D. João da Câmara, Marcelino Mesquita, Alfredo Cortêz e Carlos Selvagem. Como intérpretes, muitos: Augusto Rosa, Ferreira da Silva, Chaby Pinheiro, Alves da Cunha, Nascimento Fernandes, António Silva, Ângela Pinto, Lucinda Simões, Adelina Abranches, Maria Matos, Palmira Bastos, Ilda Stichini, Amélia Rey Colaço e Vasco Santana, que não tem quem se lhe possa comparar no género.

Se escrevesse, hoje, uma "Nota do Dia" apenas em meia dúzia de linhas, o que diria ao seu público leitor?

Teria de voltar atrás e escrever, outra vez, nas entrelinhas. Os tempos, porém, mudaram e agora não são propícios a dizer aquilo que na realidade pensamos sem uma espécie de autocensura. Porque, se me decidisse a dizer tudo quanto penso, criaria muitos inimigos e arriscar-me-ia a que me apodassem de reaccionário, o que aliás já tem acontecido. E eu quero viver os meus últimos dias em paz, se não com a minha consciência, pelo menos com o meu semelhante.

© *MARIA AUGUSTA SILVA*

ADENDA

O jornalista Norberto Lopes faleceu cerca de cinco anos depois de realizada esta entrevista, em 25 de agosto de 1989. O seu nome, que identifica hoje várias ruas no País, foi também dado a um Prémio de Reportagem estatuído pela Casa da Imprensa.